

RESERVADO



ACADEMIA MILITAR

A Bateria de Artilharia de Campanha como Força Nacional Destacada numa Operação de Resposta a Crises.

Autor: Aspirante de Artilharia João Miguel Ferro Constantino

**Orientador: Tenente Coronel de Artilharia Luís Manuel Garcia de
Oliveira**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2016

RESERVADO

RESERVADO



ACADEMIA MILITAR

A Bateria de Artilharia de Campanha como Força Nacional Destacada numa Operação de Resposta a Crises.

Autor: Aspirante de Artilharia João Miguel Ferro Constantino

**Orientador: Tenente Coronel de Artilharia Luís Manuel Garcia de
Oliveira**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2016

RESERVADO

EPÍGRAFE

“A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos”

Marcel Proust (1871-1922),
Escritor Francês, Autor da obra: Em busca do tempo perdido

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelo apoio incondicional,
educação e valores transmitidos.
À Mafalda pelo carinho, compreensão e
confiança depositados nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi um desafio individual que sempre quis superar, mas este trabalho também resultou do apoio de algumas pessoas, que gentilmente contribuíram para que este trabalho tivesse mais relevância.

Inicialmente quero agradecer ao Tenente Coronel de Artilharia Luís Manuel Garcia de Oliveira pelo acompanhamento e apoio que prestou ao longo de todo o trabalho como orientador do Trabalho de Investigação Aplicada.

Pela disponibilidade e contributo cedido nas entrevistas realizadas agradeço aos:

- Coronel de Artilharia, João Luís Morgado Silveira;
- Tenente Coronel de Artilharia, José Carlos Pinto Mimoso;
- Tenente Coronel de Artilharia, Pedro Melo Vasconcelos de Almeida;
- Tenente Coronel de Infantaria Pedro Miguel Andrade de Brito Teixeira.

Quero agradecer também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

Tem-se assistido ao aumento das operações de resposta a crises onde são realizadas operações de média e baixa intensidade. O interesse nacional em participar em missões internacionais com a finalidade de contribuir para a imagem do país como cooperador de paz e segurança mundial, tem levado à constante participação nessa tipologia de missões.

A participação da Artilharia neste âmbito tem sido pouco expressiva. Por este motivo, o presente trabalho pretende investigar as possibilidades de emprego de uma Bateria de Artilharia de Campanha como Força Nacional Destacada numa Operação de Resposta a Crises.

Os objetivos deste trabalho passam por identificar as tarefas e as subtarefas requeridas no âmbito de uma operação de estabilização e quais destas poderão ser realizadas pela Artilharia de Campanha. Pretende-se de igual forma identificar quais as capacidades e possibilidades de atuação de uma Bateria de Artilharia de Campanha em operações de resposta a crises, tendo em conta a sua doutrina e treino operacional. De igual forma, objetivo passa por identificar as diferenças e semelhanças do treino individual e coletivo, entre as Unidades da Artilharia de Campanha e as que participaram em operações de resposta a crises. Por último aborda-se a forma como é feita a geração de forças e a edificação de capacidades do sistema de forças do Exército, no âmbito das Forças Nacionais Destacadas e das *NATO Response Forces*.

A metodologia utilizada foi a dos seguintes autores: Santos, et al. (2016), Manuela Sarmiento (2013) e Vilelas (2009). A abordagem para este trabalho é a qualitativa, utilizando o raciocínio o dedutivo, recorrendo à análise documental e à entrevista como técnicas de recolhas de dados.

No que concerne à utilização da Artilharia em operações de resposta a crises, o seu emprego é significativamente reduzido, pelas características do ambiente operacional. No entanto, existe uma serie de tarefas que poderão ser realizadas pela Artilharia tais como: Apoio às unidades de manobra durante as suas operações, e proteção de Bases militares com fogos letais e não-letais; Operações de demonstração de força; realizar fogos de advertência, monitorização global das operações, contribuindo para a *Common Operational Picture*; Ações de mentoria; Segurança a pontos e áreas críticas.

RESERVADO

É possível empregar de uma Bateria de Artilharia de Campanha como unidade de manobra, em missões não específicas de Artilharia de Campanha, se esta tiver o treino adequado. O período de aprontamento e treino orientado para a missão seria suficiente para dotar a força das capacidades necessárias para obterem a certificação, e posteriormente serem projetadas para o teatro de operações. No entanto não se perspectiva a necessidade de atuação de uma Bateria de Artilharia de Campanha, como Unidade de manobra. Por isso Artilharia de Campanha deverá continuar a manter o seu elevado nível de treino e operacionalidade reforçando a aposta em exercícios conjuntos e combinados de forma a manter-se como possibilidade de gerar subunidades aptas a participar nas *NATO Response Forces*.

Palavras chave: Bateria de Artilharia de Campanha, Operações de Resposta a Crises; Forças Nacionais Destacadas, Operações de Estabilização, Treino Operacional.

ABSTRACT

The amount of low and medium intensity Crisis Response Operations has recently increased. Portuguese National interest has led to a constant participation in overseas missions, with the objective of contributing to the maintenance of global peace and security.

As an Army branch, the Artillery's participation in such operations has been less than notable. The present essay deals with this problem through the investigation of the employment possibilities of a field artillery battery as a national contribution to a Crisis Response Operation.

The essay's objectives are: to identify the tasks and subtasks present in a stabilization operation, and which can be addressed by a field artillery force; to identify what are the capabilities and possibilities of a field artillery battery in Crisis Response Operations, based on its doctrine and operational training; to compare the individual and collective training between field artillery units and the units deployed in overseas Crisis Response Operations; to identify how are the force generation and the capability development being conducted in the Portuguese Army, regarding forces deployed to international missions and Nato Response Forces.

The adopted methodology was based in the following authors: Santos, et al. (2016), Manuela Sarmento (2013) and Vilelas (2009). The essay adopts a qualitative and deductive approach, obtaining data through interviews and documental analysis.

Concerning the use of field artillery in crisis response operations, its usefulness is significantly reduced by the characteristics of the operational environment. However, there are a series of tasks that can be completed by field artillery forces, such as: supporting maneuver force's operations; base defense through lethal and non-lethal fires; «show-of-force» operations; warning fires; holistic operational monitoring, contributing to the Common Operational Picture; Mentoring; Area and Point Security.

It is concluded that it is possible to deploy a field artillery battery as a maneuver unit, in non-artillery missions, if said battery possesses adequate training. The current pre-deployment training period would be enough to imprint the capabilities necessary for certification and projection. However, since the need to deploy a field artillery battery as a maneuver force is absent, the Artillery Arm should continue to maintain its current high level of readiness in fire support missions and should seek to increase the attendance of

RESERVADO

joint and combined exercises, in order to remain capable of providing subunits suitable for Nato Response Forces.

Keywords: Field Artillery Battery, Crisis Response Operations; Stabilization Operations; Operational Training.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - REVISÃO DE LITERATURA	4
1.1. Enquadramento legal.....	4
1.2. Nível Estratégico	5
1.2.1. A ONU.....	5
1.2.2. A NATO	6
1.2.3. A UE.....	7
1.2.4. Portugal.....	7
1.3. Nível Operacional.....	11
1.3.1. Espectro das operações militares	11
1.3.2. Temas de campanha.....	12
1.4. Nível tático	14
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO 3 - OPERAÇÕES DE RESPOSTA A CRISES	19
3.1. Generalidades	19
3.2. Tipologia das CRO	20
3.3. Princípios das CRO	20
3.4. Tarefas das CRO.....	21
3.4.1. Segurança e controlo	21
3.4.2. Apoiar o restabelecimento da segurança pública	22
3.4.3. Apoiar o restabelecimento de serviços	23
3.4.4. Apoiar o restabelecimento inicial de governação.....	25
3.5. Participação Portuguesa em CRO	25
CAPÍTULO 4 - A ARTILHARIA DE CAMPANHA.....	27
4.1. Missão e Organização.....	27
4.2. AC com dupla missão (apoio de fogos e manobra).....	27
4.3. A AC em apoio de fogos às operações de estabilização.....	31
CAPÍTULO 5 - DA GERAÇÃO DA FORÇA À EDIFICAÇÃO DE CAPACIDADES	33
5.1. Generalidades	33
5.2. Requisitos gerais das forças terrestres	33

RESERVADO

5.3. Requisitos específicos das unidades	35
5.4. Aprontamento de Forças Nacionais Destacadas.....	35
5.4.1. Geração da força.....	36
5.4.2. Edificação de capacidades da força	37
5.5. Aprontamento das Baterias de AC para as NRF	39
5.6. Síntese conclusiva	40
CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DE DADOS	42
6.1. Análise do treino operacional entre Unidades de AC e de Infantaria.	42
6.1.1. Tarefas de treino individuais	42
6.1.2. Tarefas essenciais para o cumprimento da missão	43
6.2. Análise das entrevistas.....	43
CONCLUSÕES	51
BIBLIOGRAFIA	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1 - Espectro do conflito.....	11
Figura nº 2 - Espectro do Conflito e Temas de Campanha.	12
Figura nº 3 - Enquadramento das operações no espectro total e temas de campanha.....	15
Figura nº 4 - Organização/Articulação do GAC 1-77 FA BN.....	XVIII
Figura nº 5 - Organização/Estrutura das Baterias de AC das NRF 14 e 17	XVIII
Figura nº 6 - Organização/Estrutura da Bateria de AC da NRF 17	XVIII

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 - Operações militares conjuntas conduzidas sob determinados temas de campanha	14
Tabela nº 2 - Subtipos das Operações de Resposta a Crises	20
Tabela nº 3 - Sub tarefas de segurança e controlo	22
Tabela nº 4 - Sub tarefas para o apoio do restabelecimento da segurança publica	23
Tabela nº 5 - Sub tarefas de apoiar o restabelecimento de serviços	24
Tabela nº 6 - Sub tarefas para apoio do restabelecimento inicial de governação.....	25
Tabela nº 7 - Análise quantitativa da questão 1.....	45
Tabela nº 8 - Análise quantitativa da questão 2.....	45
Tabela nº 9 - Análise quantitativa da questão 3.....	46
Tabela nº 10 - Análise quantitativa da questão 4.....	47
Tabela nº 11 - Análise quantitativa da questão 5.....	48
Tabela nº 12 - Análise quantitativa da questão 6.....	48
Tabela nº 13 - Análise quantitativa da questão 7.....	49
Tabela nº 14 - Análise quantitativa da questão 8.....	50
Tabela nº 15 - Análise quantitativa da questão 9.....	50
Tabela nº 16 - Codificação alfanumérica e cromática das respostas.....	VIII
Tabela nº 17 - Tarefas de treino individuais da Unidades de AC e Infantaria	X
Tabela nº 18 - Treino coletivo das Btrbf e da CatMec	XII
Tabela nº 19 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO do Kosovo.....	XIV
Tabela nº 20 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO do Bósnia e Herzegovina.....	XV
Tabela nº 21 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO do Afeganistão.....	XVI
Tabela nº 22 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO do Líbano.....	XVII
Tabela nº 23 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO do Timor	XVII
Tabela nº 24 - Quadro resumo das Unidades que cumpriram/cumprem a sua Missão no TO da Lituânia.....	XVII

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Princípios das CRO	I
APÊNDICE B – Guião de Entrevista	V
APÊNDICE C – Identificação dos entrevistados	VII
APÊNDICE D – Análise de Entrevistas	VIII
APÊNDICE E – Análise do Treino Individual	X
APÊNDICE F – Análise do Treino Coletivo.....	XII
ANEXO A – Participação Portuguesa em missões internacionais	XIII
ANEXO B – Histórico de Participação do Exército no exterior	XIV
ANEXO C – Organização das Unidades de Artilharia de Campanha	XVIII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AC - Artilharia de Campanha
AM - Academia Militar
AOp – Área de Operações
ARTEP - *Army Training and Evaluation Program*
BIMec – Batalhão de Infantaria Mecanizado
Btr - Bateria
Btrbf - Bateria de Bocas de Fogo
BCS - Bateria de Comando e Serviços
BCS - *Battery Computer System*
BCT - Brigade Combat Team
BrigInt - Brigada de Intervenção
BrigMec - Brigada Mecanizada
BrigRR - Brigada de Reação Rápida
CA - *Comprehensive Approach*
CAE - Combate em Áreas Edificadas
CAtMec – Companhia de Atiradores Mecanizada
CEDN - Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CEM - Conceito Estratégico Militar
CFT – Comando das Forças Terrestres
CIED - *Counter Improvised Explosive Device*
CIMIC - Cooperação Civil e Militar
CNU - Carta das Nações Unidas
COIN - *Counter Insurgency*
COP – *Comum Operational Picture*
CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa
CRC - *crowd riot control*
CRO - *Crisis Response Operations*
CSNU - Conselho de Segurança das Nações Unidas
ECOSF - Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças
EM - Estado Maior
EMGFA - Estado Maior General das Forças Armadas

RESERVADO

EPR - Entidade Primariamente Responsável
FFAA - Forças Armadas
FND - Força Nacional Destacada
FOS - *Forward Observer System*
GAC - Grupo de Artilharia de Campanha
GE - Guerra Eletrónica
GNR - Guarda Nacional Republicana
HN - *Host Nation*
IEO - *Initial Entry Operations*
Info Ops - Operações de Informação
ISR - *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*
JISR - *Joint Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*
LDN - Lei de Defesa Nacional
LOBOFA - Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas
MCM - Educação Moral, Cívica e Militar
MIFA - Missões das Forças Armadas
MOU - *Memorandum of Understanding*
NA5CRO - *Non-Article 5 Crisis Response Operations*
NBQR – Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico
NRF - *NATO Response Forces*
NTM - *Notice To Move*
OAP – Operações de Apoio à Paz
OBE - Órgãos de Base do Exército
OCAD - Órgãos Centrais de Administração e Direção
OCC E&F - *Operational Capabilities Concept Evaluation and Feedback*
OI - Organizações Internacionais
OMLT - *Operational Mentor and Liaison Team*
ONU - Organização das Nações Unidas
OPSEC - Operações de Segurança
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
PE - *Peace Enforcement*
PESD - Política Europeia de Segurança e Defesa
PK - *Peacekeeping*
PR - Recuperação de Pessoal

RESERVADO

PSYOPS - Operações Psicológicas

ROE - *Rules Of Engagement*

RRS - *Rediness Reporting System*

RSOI - *Reception and Staging Onward Movement and Integration*

SACC - Sistema Automático de Comando e Controlo

SAP - Sapadores

SHS - Saúde, Higiene e Primeiros Socorros

SOB - Sobrevivência

SOFA - *Status Of Forces Agreement*

SOP - *Standing Operating Procedures*

SOI - *Standing Operating Instrutions*

TA - *Technical Agreement*

TCS - Técnica de Combate de Secção

TECM - Tarefas Essenciais para o Cumprimento da Missão

TIA - Trabalho de Investigação Aplicada

TIC - Técnica Individual de Combate

Tm - Transmissões

TO - Teatro de Operações

Topo - Topografia

UE - União Europeia

UEC - Unidade Escalão Companhia

UnMob - Unidade Mobilizadora

UnOrg - Unidade Organizadora